

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana

de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



O ESPAÇO EM A CABEÇA DO SANTO, DE SOCORRO ACIOLI: ENTRE O ESPAÇO FÍSICO E O CULTURAL

Remerson Bezerra Menezes¹, Ana Carolina Negrão Berlini de Andrade²

Resumo: Levando em consideração que há uma tradição representativa do sertão, *leitmotiv* das artes nacionais, associando este espaço ao semiárido, misticismo e estereótipos comuns de vertentes regionalistas, este trabalho objetiva analisar a representação do espaço sertanejo, como categoria temática e estrutural, no romance *A cabeça do santo* (2014), de Socorro Acioli. Nessa obra, observamos que o sertão cearense, espaço da narrativa, se relaciona de forma intertextual com discursos tradicionais construídos sobre um Nordeste específico (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011) em níveis de continuidades e rupturas de estereótipos cristalizados. Desse modo, analisamos para além dos aspectos físicos, o espaço cultural permeado pela religiosidade com representação múltipla: como modo de apreensão do mundo, como fanatismo e como elemento maravilhoso, os quais se exteriorizam através de fenômenos sobrenaturais envolvidos com a crença religiosa local e que, portanto, são compreendidos através das concepções de Marçal (2009). Para tanto, faremos uso também de teóricos como Moraes (2014), Galvão (2000), Santini (2011), entre outros.

Palavras-chave: A cabeça do santo. Socorro Acioli. Nordeste. Sertão. Literatura regionalista.

1. Introdução

Nossa hipótese inicial é de que a presente obra se constrói a partir de relações de continuidade e de descontinuidade em relação à tradição representativa do sertão, pois, apesar de estabelecer relações intertextuais com os discursos tradicionais sobre o espaço sertanejo, existe uma ruptura de estereótipos cristalizados.

O principal deles diz respeito a seca, elemento usado para construir um imaginário social acerca do Nordeste, embora outros discursos corroboram também para essa construção, sendo exemplo disto o cangaço, o messianismo, o coronelismo (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011) e a ideia de uma região detentora de uma cultura autenticamente nacional, livre das estrangeirices e, conseqüentemente, “homogênea”.

Com relação a concepção de sertão, este é um elemento pertencente a um recorte temático denominado “mundo rural”, do qual a literatura regionalista toma como tema em seus variados sentidos (VICENTINI, 2007, p. 189). Para entender

¹ Universidade Regional do Cariri, email: remerson.bezerra@urca.br

² Universidade Regional do Cariri, email: nba.anacarolina@gmail.com

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



a questão da literatura regionalista, Santini (2011) analisa um modelo de interpretação criado pelo professor Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (2000). Segundo a interpretação de Candido, o regionalismo emerge no mesmo plano que o Romantismo, coincidindo com a independência do Brasil e, portanto, a literatura regionalista surge numa “atmosfera de ‘país novo’” (SANTINI, 2011, p. 71).

Nesse contexto, Galvão (2000) contextualiza os três tipos de regionalismos, a saber, o primeiro conhecido como sertanismo, estando atrelado ao Romantismo que, por sua vez, trouxe o sertão para o universo ficcional, com destaque a nomes como José de Alencar e Franklin Távora; o segundo que tinha um teor naturalista como forma de reação ao Romantismo. Dentre alguns escritores citados, a pesquisadora dá enfoque a Euclides da Cunha e o impacto que a publicação de *Os sertões*, em 1902, vai gerar sobre o regionalismo e, mais especificamente, sobre o conceito de sertão; e o terceiro e último que possui o Romance de Trinta como marco principal, pautando-se em questões políticas e ideológicas.

Como já afirmamos anteriormente, atribui-se ao sertão a alcunha de “atrasado” e/ou detentor de uma cultura tradicional, “verdadeiramente” brasileira. Nesse sentido, o espaço é entendido não somente pelas descrições físicas, mas a partir das interações sociais e culturais, também. Em termos gerais, a religiosidade como elemento cultural, pode ser observada através de diferentes perspectivas: como fanatismo (FACÓ, 1983), referência aos combatentes de Canudos, do Contestado e do Caldeirão; como modo de apreensão do mundo em que a dicotomia natural e sobrenatural não se anulam, mas coabitam no imaginário católico medieval (MARÇAL, 2009), mostrando assim uma cosmovisão por intermédio da religião; ou ainda como elemento que se aproxima das origens do fantástico, maravilhoso e estranho (TODOROV, 2004). É pertinente apontar que a teoria todoroviana recebeu diversas críticas, gerando estudos que repensam essas definições na atualidade, como é o exemplo da abordagem de David Roas (2014).

2. Objetivo

A descrição do espaço da narrativa aponta para estereótipos referentes a aridez e tradições culturais que reforçam uma representação do sertão. Levando em consideração que a representação espacial nunca é neutra, tampouco se resume à mimesis descritiva de aspectos físicos, o objetivo principal desse trabalho é analisar os modos de representação do espaço sertanejo na construção do romance, não apenas tematicamente, mas também estruturalmente.

3. Metodologia

Para embasar teoricamente nossas análises utilizamos textos que abordam o espaço sertanejo e, que, devido ao caráter transdisciplinar do conceito, não

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana

de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



são, especificamente, da Teoria da Literatura, caso dos já citados Albuquerque Júnior (2011), sobre o Nordeste como um construto imagético-discursivo; Moraes (2003), que conceitualiza a noção de “pensamento geográfico”. Recorremos também a autores como Galvão (2000), que contextualiza historicamente as vertentes regionalistas no Brasil e outras linhas de força da literatura brasileira contemporânea, caso de alguns trabalhos de Juliana Santini (2011, 2018).

No caso específico das várias representações da religiosidade, fazemos uso de Facó, (1983) para a compreensão do viés religioso como fanatismo, Marçal (2009), que se propõe a analisar a relação e os limites entre o fantástico e o maravilhoso, Todorov (2004) e outros que, de igual modo, guiam a discussão com diferentes abordagens.

Desta forma, a abordagem metodológica utilizada é a fenomenológica hermenêutica, uma vez que se trata de interpretações pessoais baseadas em estudos teóricos pertinentes.

4. Resultados parciais

Nossa proposta, portanto, é analisar como o sertão é estruturado no romance *A cabeça do santo* (2014), de Socorro Acioli. Mais especificamente, sobre a representação do sertão a partir das interações sociais e da religiosidade (com múltiplas perspectivas) que permeiam a história e a apreensão do espaço narrativo, os quais, acreditamos propor continuidades e rupturas com os discursos tradicionais sobre o sertão.

No abertura, o protagonista Samuel é apresentado caminhando em uma estrada de Juazeiro do Norte em direção à Candeia à procura da avó paterna e do pai. Neste instante, temos um destaque acerca do espaço construído, a saber, a imagem do sertão cearense relacionada aos discursos tradicionais de um Nordeste seco, evocando as origens do próprio conceito (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Exemplo disto é quando há menção de certas características climáticas, principalmente do sol abrasador. Vale ressaltar ainda que essas características fazem eco às considerações de Moraes (2003, p. 3) para a formação de um “imaginário do sertão”, popularmente quente.

Em se tratando do romance em questão, Socorro Acioli utiliza esse preâmbulo como base, advinda dos discursos tradicionais e dialogando com a “dizi/visibilidade” do Nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), para a construção da narrativa. Assim, após a narrativa se apoderar dos elementos climáticos com a finalidade de se erguer, basicamente eles desaparecem ou, pelo menos, não aparecem com tanta frequência, embora exista também a presença de outros elementos caracterizadores da cultura nordestina, sendo a religiosidade um dos mais focalizados.

Durante a caminhada a pé, Samuel encontra um grupo de pessoas com vestimentas peculiares, possivelmente romeiros, que seguiam na direção oposta a Canindé, rezando para São Francisco. Desse modo, a abordagem religiosa é

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



inicialmente retratada como uma visão católica tradicional referente as peregrinações. Podemos observar a religiosidade tida como irracional pelo próprio Samuel, pois mais adiante desta cena há uma interação social em que o protagonista responde o romeiro “com algum deboche” (ACIOLI, 2014, p. 15), reforçando assim os estereótipos de fanatismo religioso atribuídos a um sertão atemporal. Não obstante, vale chamar a atenção para o uso desses elementos estereotipantes como arcabouço a partir do qual a narrativa se desenrola e também como convenções do próprio gênero.

Em *A cabeça do santo* (2014), o sertão de Socorro Acioli dialoga com um tipo de intertextualidade, especificamente com discursos tradicionais cristalizados. No entanto, isto acontece em um ritmo de continuidades e rupturas, concomitantemente. De continuidades porque na chegada de Samuel a Candeia, fica evidente que o cenário da cidade é novamente a representação tradicional do espaço sertanejo quando há menção a poeira, ao sol quente, a magreza dos animais que sofrem ali, reforçando de um certo modo a ideia de um lugar árido, sem água e seco. De rupturas porque esse mesmo sertão rompe com alguns aspectos, dos quais podemos mencionar a própria transformação de Candeia ao longo da narrativa. Além do *status* de abandonada, a cidade era considerada supostamente amaldiçoada pela desgraça da estátua do santo – um tipo de castigo pela montagem da cabeça no chão, impossibilitada assim de ser levada ao corpo – mas que depois revive pelo mesmo motivo, se tornando um pequeno centro de peregrinação.

No encontro de Samuel com sua avó Niceia, percebemos outro tipo de descontinuidade, pois o sertão aqui não é unicamente permeado pela aridez (característica estereotipada que define regiões do Nordeste), pelo contrário, é um sertão da chuva: “Ela chamou a chuva, pediu que viesse. Antes, pouco antes, o céu estava limpo, sem dar sinal nenhum de que as nuvens estavam para chorar. Todas as nuvens do céu choraram ao mesmo tempo” (ACIOLI, 2014, p. 25). Nesse caso específico, a presença da chuva não denota ser um fenômeno natural, mas sim sobrenatural. É uma chuva provocada pela personagem Niceia que aparenta ser uma entidade mística (ROAS, 2014) prevendo acontecimentos durante a narrativa.

Depois de conhecer a avó que, praticamente, lhe envia para dentro da cabeça gigante de um santo, a narrativa retoma a temática religiosa com o descobrimento do “dom” de Samuel de ouvir vozes femininas que são, na verdade, rezas de mulheres dirigidas a santo Antônio. A partir de então, Samuel será considerado como um profeta – elemento presente no sertão atemporal – capaz de saber os segredos das mulheres e realizar supostos feitos milagrosos como é o caso do casamento de Madeinusa e Dr. Adriano. Entretanto, fica posto para o leitor que o “milagre” não é absolutamente divino, mas resultado da ação humana, através do interesse comercial de Samuel e Francisco.

5. Conclusão

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana

de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



O presente trabalho busca estudar como a representação do espaço sertanejo é construída tematicamente e estruturalmente na obra *A cabeça do santo* (2014), de Socorro Acioli. Desse modo, os dados evidenciam que o espaço é um elemento construído a partir de uma dizibilidade, ou seja, de discursos tradicionais que remetem ao Nordeste tradicional com características específicas (clima, despovoamento, “atraso” socioeconômico, cultura genuína, religiosidade popular e etc.), fornecendo assim uma visibilidade, ou modos de leitura, que reforçam o imaginário popular acerca do sertão.

6. Agradecimentos

À FUNCAP, ao projeto FECOP e à PRPGP pelo fomento desta pesquisa.

7. Referências

- ACIOLI, Socorro. **A cabeça do santo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**; gênese e lutas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/18327>.
- MARÇAL, Marcia Romero. A tensão entre o fantástico e o maravilhoso. **Revista Fronteiras**. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www4.pucsp.br/revistafrenteiras/numeros_anteriores/n3/download/pdf/ten_sao.pdf
- MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um outro geográfico. **Terra Brasilis**, 2003. Disponível em: <http://terrabilis.revues.org/34>.
- ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Tradução Julián Fuks. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- SANTINI, Juliana. A palavra que faz o passado: narrativa e tradição na literatura e no cinema brasileiros dos últimos anos. **Letras & Letras**, p. 331-346, 2011.
- SANTINI, Juliana. A Formação da Literatura Brasileira e o regionalismo. **O eixo e a roda**, p. 69-85, 2011.
- SANTINI, Juliana. Um lugar fora de lugar: a mulher e o sertão em Maria Valéria Rezende. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. 2018, n. 55, p. 267-284. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/QprM4Skmfid8Yr9WBD4gwZvD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29 set 2022.
- TODOROV, Tzvetan. Introduction à la littérature fantastique. Paris: Seuil, 1970. [Ed. bras.: **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2004].
- VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e cultura**, v. 10, n. 2, 2007.